

TRIBUNA LIVRE

JÚLIO ROCHA



Violência no campo capixaba

O Espírito Santo está sofrendo uma escalada de violência no campo. Para solucionar esse problema, precisamos unir esforços de governo, entidades e sociedade.

O primeiro passo foi dado. Sob a coordenação do Fórum das Entidades e Federações (FEF) e do Movimento Espírito Santo em Ação, com a participação de dezenas de organizações representativas da área rural capixaba, uma primeira reunião foi realizada na tentativa de achar solução efetiva para o crescente número de furtos e roubos registrados na zona rural.

O encontro reuniu Secretarias de Estado, Federações, Associações Empresariais e Delegacias e terminou com propostas efetivas para o combate aos crimes, como a criação de superdelegacia e batalhão militar específicos para as questões envolvidas; maior esforço na identificação dos receptadores; punibilidade dos criminosos; intensificação das ações da patrulha rural; maior fiscalização das rodovias federais e estaduais, por onde trafegam os caminhões com carga roubada, e uso de tecnologia para proteger famílias e impedir ações violentas.

O momento, agora, é de ajustes e mobilização para uma segunda reunião que pretendemos realizar ainda neste ano. A intenção é de que as primeiras medidas sejam implantadas em 2015, afinal, o tema pede urgência. Tenham certeza de que, neste momento, enquanto buscamos soluções para este grave problema, comunidades, agricultores e empresas de todo o Estado seguem sofrendo com ações das quadrilhas, cada vez mais especializadas, que agem destemidamente roubando madeira, café, pimenta do reino, entre outros produtos.

Segundo o presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de São Mateus, Renilton Quinquim Correia, as queixas não param. O aumento no número de roubos e furtos na região, nos últimos três meses, foi de cerca de 40%.

E não há limites para ousadia dos criminosos. Há diversos registros de assassinatos ou roubos de colheitas inteiras. Em alguns casos, os próprios produtores rurais são forçados a carregar seus caminhões que, em seguida, são levados pelos bandidos com a produção de meses de trabalho.

Um dos produtos mais visados é a pimenta do reino, por estar com bom preço de venda. A ma-

deira é outro alvo dos criminosos. O roubo acontece em áreas de plantio de eucalipto de empresas de celulose, em áreas de produtores rurais e nos fragmentos de Mata Atlântica. Grande parte da madeira furtada é utilizada na produção de carvão em carvoarias ilegais, mas também em serrarias e olarias, entre outros.

Aproximadamente 20 mil hectares/ano de florestas são alvos do roubo de madeira, atingindo pequenos, médios e grandes produtores. As perdas são estimadas em cerca de R\$ 10 milhões/ano. A madeira roubada é queimada em fornos ilegais, que já somam mais de 800 no Estado. Para dar conta do transporte ilegal dessa madeira roubada, são necessários 3.300 caminhões, que trafegam acima do peso e sem condições de segurança, colocando em risco a vida de outros condutores e a qualidade das estradas capixabas.

Além das perdas de vidas e prejuízos econômicos, há danos à natureza. Há prejuízos para o meio ambiente por conta das queimadas e da destruição de mata nativa. Em uma das áreas afetadas - a produção de madeira e florestas plantadas -, a ação indiscriminada dos bandidos é facilmente comprovada, envolvendo, inclusive, o trabalho em condições subumanas e infantil.

Sei que os tempos estão duros para todos. Há a crise econômica, a escassez de água, os desastres ambientais com o rompimento das barreiras com resíduos de minério que chegaram até o nosso rio Doce e até atentados terroristas com brasileiros feridos do outro lado do Oceano Atlântico. Mas esses temas, também muito relevantes, não podem tirar a atenção de um problema nosso, próximo, que só cresce e exige providências urgentes. Não podemos deixar que os crimes contra os produtores rurais se transformem em uma tragédia maior do que já são.

Podemos e devemos fazer algo - e rápido - para combater essa barbárie que acontece aqui, bem dentro do nosso quintal.

Júlio Rocha é presidente da Federação da Agricultura do Espírito Santo



Além das perdas de vidas e prejuízos econômicos, há danos à natureza